

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT19.014

# A INFLUÊNCIA DO USO DE TELAS NA EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DA OBRA A GERAÇÃO ANSIOSA DE JONATHAN HAIDT SOB A PERSPECTIVA EDUCACIONAL

Andréia Gomes da Silva Andrade<sup>1</sup>

Antonia Milene da Silva<sup>2</sup>

Heloiza Aline Pereira Silva<sup>3</sup>

Maria Kéllia Araújo Duarte<sup>4</sup>

## RESUMO

O presente texto tem por intuito analisar a obra “A geração Ansiosa – como uma infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais”, do psicólogo social Jonathan Haidt (2024). O objetivo central é discutir suas contribuições para o contexto da educação. Para tanto, foi necessário perpassar pelos impactos do uso excessivo de telas na saúde mental e no desenvolvimento dos jovens estudantes. Trata-se de uma revisão bibliográfica crítica da obra, considerando outros estudos correlatos. Assim, tem-se uma abordagem qualitativa que busca apontar algumas práticas pedagógicas

- 1 Professora da Educação Básica; Mestranda do Curso de Mestrado em Ensino de História pelo Prof História, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bolsista da CAPES - PROEB, andreia.gomess.pl@gmail.com;
- 2 Professora da Educação Básica; Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, amilenes@hotmail.com;
- 3 Professora da Educação Básica; Mestra pelo Curso do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), heloizaaps@educacao.prefeiturademossoro.com.br;
- 4 Professora da Educação Básica; Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, kelliaarujoduarte4@gmail.com

que possam mitigar os efeitos negativos da hiperconectividade. Justifica-se a plausibilidade do estudo, no fato de que há uma constante preocupação com o aumento de casos de ansiedade, depressão e outros transtornos mentais entre crianças e adolescentes. Esse fenômeno desafia os profissionais da educação a aperfeiçoarem suas estratégias de ensino, tornando-as mais adequadas à realidade digital. Diante disso, verificou-se que os argumentos elencados por Haidt (2024), podem dar suporte aos estudos no cenário educacional, assim como, foi possível identificar práticas pedagógicas que promovam o uso saudável e consciente das tecnologias. Conclui-se que a mencionada obra é relevante para a educação, e para a sociedade como um todo, uma vez que estimula reflexões necessárias sobre a conscientização digital.

**Palavras-chave:** Educação, Saúde Mental, Tecnologias Digitais, Práticas Pedagógicas.

## INTRODUÇÃO

O uso de telas na infância e na adolescência tem crescido de maneira alarmante, tal fato tem se configurado como um dos fenômenos mais marcantes da sociedade contemporânea. A presença de smartphones, tablets e computadores, além de alterar a forma de como os jovens se relacionam entre si, também afeta significativamente seus processos de aprendizagem e desenvolvimento emocional. Partindo desse pressuposto, o psicólogo social Jonathan Haidt (2024), em sua obra “A Geração Ansiosa - como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais”, apresenta reflexões fundamentadas dignas de serem inseridas ao campo educacional, considerando que trazem um diálogo intimamente relacionado aos desafios vivenciados por professores, famílias e instituições de ensino.

Nesse contexto, enquanto pesquisadora em formação e professora atuante no ensino fundamental, cada dia mais é perceptível no cotidiano escolar, o quanto a hiperconectividade influencia os comportamentos, a atenção e a forma de interação das crianças. Em muitas situações, é notório, que elas trazem para a sala de aula não apenas informações adquiridas nas redes sociais, mas também sentimentos de ansiedade, insegurança e dificuldades de concentração, o que repercute diretamente no processo de ensino-aprendizagem. Esses aspectos provocam a reflexão sobre práticas pedagógicas, primando por aquelas que auxiliem no uso consciente das tecnologias, ao passo em que promovam a saúde mental e a formação integral dos estudantes.

Desse modo, justifica-se o desenvolvimento deste trabalho justamente nessa preocupação: a educação (e seus profissionais) não podem ignorar os efeitos da cultura digital na vida das novas gerações. Os índices crescentes de ansiedade, depressão e outros transtornos mentais em crianças e adolescentes evidenciam que a escola precisa assumir um papel ativo na mediação desse processo. Com isso, discutir a obra de Haidt (2024) ganha importância, uma vez que articulada com estudos da área de educação

e saúde, pode oportunizar o tornar-se uma oportunidade para repensar estratégias pedagógicas que estejam alinhadas à realidade digital e que fortaleçam o desenvolvimento saudável dos estudantes.

Assim, é possível afirmar que, o objetivo central deste artigo consiste em analisar as contribuições da obra *A Geração Ansiosa* (Haidt, 2024) sob a perspectiva educacional, refletindo sobre os impactos do uso excessivo de telas na formação de crianças e adolescentes e sobre as possibilidades de práticas pedagógicas que favoreçam um equilíbrio entre tecnologia e aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico e qualitativo, que busca integrar argumentos teóricos a vivências práticas, considerando o contexto escolar atual.

É importante explicar que o trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro momento, será apresentada a metodologia adotada; logo mais, é desenvolvido o referencial teórico, com base em Haidt (2024), e outros autores que dialogam com o tema; a posteriori, serão expostos os resultados e discussões do estudo realizado, destacando reflexões e possibilidades de práticas educativas; por fim, serão apresentadas as considerações finais, evidenciando a relevância da obra para a educação e para a sociedade.

## METODOLOGIA

O presente artigo foi construído a partir de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, com enfoque crítico-reflexivo. A obra central analisada é *A Geração Ansiosa* (Haidt, 2024), cuja contribuição se torna pertinente, uma vez que articula questões da psicologia social com fenômenos atuais que afetam diretamente o campo educacional. É importante destacar que a escolha dessa obra como referência principal, não se deu de forma aleatória, ao contrário ao lidar diariamente com crianças do ensino fundamental, ficou visível como a hiperconectividade influencia seus comportamentos, interações e formas de aprender, o que acabou

por despertar o interesse em aprofundar esse diálogo entre teoria e prática.

O percurso metodológico utilizado seguiu três etapas centrais. A primeira tem enfoque na leitura crítica da obra de Haidt (2024), com a identificação das principais teses sobre os impactos do uso excessivo de telas no desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças e adolescentes. Num segundo momento, foi feita a contextualização dessas ideias com produções acadêmicas, incluindo artigos científicos, relatórios institucionais e autores que discutem educação e tecnologias digitais, principalmente de trabalhos contidos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Essa triangulação teórica viabilizou a ampliação da análise, de modo a evitar uma leitura isolada do texto-base.

No terceiro momento, a terceira etapa foi realizada por uma reflexão de cunho pessoal e profissional, na condição de professora e pesquisadora em formação, sobre as práticas pedagógicas que podem ser implementadas para mitigar os efeitos negativos do uso desregulado das tecnologias. Desse modo, além de uma revisão bibliográfica, este estudo ocupa também um caráter muito importante, ao propor uma aproximação entre teoria e prática escolar.

Partindo do pressuposto de que se trata de uma pesquisa de natureza bibliográfica, não houve necessidade de submissão a comitês de ética, nem tampouco coleta de dados empíricos junto a estudantes. A base inicial de estudo, para o momento, são as abordagens teóricas e, no máximo, experiências de outros profissionais da educação e de áreas afins. De todo modo, é importante destacar que as reflexões aqui apresentadas foram inspiradas na vivência em sala de aula e no contato direto com crianças que experienciam os efeitos da hiperconectividade.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Com o avanço das novas tecnologias, o uso das redes sociais propagou-se de forma intensa na sociedade que, por sua vez, passou a nutrir

ainda mais a necessidade de estar conectada. No entanto, essa prática transpassa a vida adulta e se insere precocemente no âmbito infanto-juvenil, impedindo o pleno desenvolvimento de importantes áreas que se constroem nessa fase, tais como: comunicação, cognição, saúde - física e mental -, aprendizagem, etc. Conforme postulado pelo psicólogo social estadunidense Jonathan Haidt, em seu livro *A geração ansiosa* (2024), a utilização de telas na infância e adolescência é responsável pelo colapso da saúde mental, impedindo inclusive, a formação cidadã, escolar e social, tornando-os submersos no cerne tecnológico.

Nesse sentido, embora as redes sociais concedam diversas facilidades e benefícios por meio das telas, no que tange à utilização precoce e sem o devido cuidado pelo público infanto-juvenil, se sobressaem os malefícios. Isto pois, ainda de acordo com o psicólogo Haidt (2024), houve uma reprogramação degradante do comportamento dos adolescentes e, principalmente, das crianças que, por conseguinte, se interessam cada vez menos pelo brincar ao ar livre e por atividades em grupo. Por esse motivo, o tema tem ganhado atenção nas escolas, uma vez que, segundo os professores, o desempenho em sala de aula diminuiu drasticamente conforme o crescimento exponencial do acesso excessivo às telas, de modo que, o processo de ensino-aprendizagem não se concretiza de maneira plena e saudável.

Em consonância, a partir da realidade precária das competências educacionais do alunado - comumente relatada pelos profissionais da educação -, Carvalho e Pinto (2023, p. 7) discorrem que “os três principais desdobramentos do tempo de tela foram os distúrbios de sono, os atrasos de linguagem e alterações psicológicas e comportamentais”, isto é, um corpo discente despreparado para o âmbito escolar. À vista disso, o cenário educacional encontra-se colhendo os frutos de uma sociedade pós-pandêmica e permissiva, uma vez que, somente o professor lida nas entrelinhas, com os resultados prejudiciais das telas na educação. Dessa forma, torna-se imprescindível identificar os atrasos e malefícios, bem como as repercussões do uso das redes sociais.

Nesse liame, também, tem-se identificado a importância de refletir, estudar e pesquisar sobre o uso excessivo das novas tecnologias pelo público infanto-juvenil, visto o crescente uso das mídias sociais por esse público. Isso corrobora com a necessidade de expor sobre como a prática pedagógica precisa atuar frente a essas questões e como o processo de ensino-aprendizagem é afetado, abordando atrasos de aprendizagem e dificuldades cognitivas. Isso significa que há uma necessidade latente de ajustar as estratégias pedagógicas, com vistas a promover o uso saudável e consciente das tecnologias digitais, garantindo que elas complementem, em vez de substituir, as experiências de aprendizagem tradicionais.

Merece destacar que, embora o uso das novas tecnologias seja importante e indispensável no contexto educacional atual, existem dificuldades com essa prática, assim como em quaisquer outras. Tais dificuldades estão atreladas com a experiência do processo de aprendizagem, conforme exposto por Vygotsky (apud Díaz, 2011, p. 17) abaixo:

[...] a experiência que desenvolve a pessoa durante e como resultante de sua aprendizagem em concordância com seus interesses individuais e as necessidades sociais no contexto escolar e o próprio social, haverá de implicar um maior ou menor desenvolvimento da capacidade de aprender.

Ante o exposto, é possível assumir que, embora se entenda que o uso de recursos tecnológicos no contexto escolar seja bem aceito pela maioria dos estudantes, existe a possibilidade dessa prática não se mostrar interessante para alguns outros. Tal posicionamento, deve-se à compreensão de que, para ser interessante, é necessário que a metodologia de ensino faça sentido para o receptor. Assim, verifica-se que o processo de aprendizagem de uma pessoa engloba não somente o contexto escolar, mas este, juntamente com o contexto social no qual está inserido, sendo fortemente influenciado pelos interesses individuais e necessidades sociais. A partir do momento que ambos estão alinhados, há uma potencialização significativa da aprendizagem.

Importante também citar a ressignificação das novas tecnologias dentro de sala de aula e como elas podem ser utilizadas para o avanço da aprendizagem. No meio escolar, se feita uma análise dos interesses pessoais dos alunos e estes forem considerados, é possível aumentar a motivação, interesse e participação destes nas aulas e atividades, melhorando o aprendizado e conhecimento. Ademais, essa junção de ferramentas extras em conjunto com o ensino tradicional pode tornar o aprendizado mais efetivo e real, potencializando as habilidades dos alunos. Não obstante, caso não seja realizado, a tendência é que os alunos continuem desmotivados e desinteressados para tal.

Logo, entende-se que o aprendizado ocorre por meio do sistema educacional e meio social atuando juntos e de forma integrada, e não apenas por meio de predisposição individual, de forma que é preciso considerar os interesses, necessidades e contexto social dos alunos. Partindo dessas premissas, entende-se que, para que o processo de aprendizagem seja realmente eficaz, ele deve partir de uma compreensão clara e consciente da época em que vivemos, integrando os aspectos atuais e preparando os alunos para os desafios e oportunidades do mundo moderno. Quando os alunos conseguem reconhecer aquilo que está sendo aprendido no mundo ao seu redor, é possível que eles se tornem mais interessados por esse tipo de ensino.

Destarte, é fundamental maximizar o desenvolvimento dos alunos melhorando a capacidade de aprendizado destes, utilizando-se de educação contextualizada e fazendo uso de ferramentas extras que são de uso cotidiano, como as redes sociais. Isso permite que o ensino-aprendizagem, que é uma necessidade social, seja realizado por meio de interesses individuais comuns, como o uso das tecnologias, de forma equilibrada e interessante. Isso não só enriquece o aprendizado, mas também forma indivíduos mais informados, adaptáveis e capazes de contribuir positivamente para a sociedade.

Contudo, é imperioso deixar claro que não faz sentido usar recursos que não estejam de acordo com o público alvo ou que não fazem

qualquer sentido para esse. O foco deve ser o trabalho com conteúdos necessários a cada área e nível de ensino, por meio de metodologias viáveis a cada realidade escolar. Do mesmo modo, o trabalho com o estudo das redes sociais, na proposição aqui apresentada, não tem como foco os conteúdos históricos, e sim, a análise dessa ferramenta e sua repercussão na formação da identidade dos alunos o que, naturalmente, perpassa pelo trabalho com a valorização da história local.

Por falar em tecnologia, outro eixo importante de ser abordado na discussão é como as redes sociais têm repercutido na sala de aula, principalmente quando se entende que estas estão intrinsecamente relacionadas à formação da identidade dos sujeitos que as desfrutam. Partindo dessa premissa, para que o sujeito se sinta pertencente a uma determinada identidade, é preciso que seja aceito pelos demais sujeitos do seu reduto social. No que tange às redes sociais, são plataformas digitais que permitem a interação entre pessoas, facilitando a criação e o compartilhamento de conteúdo, bem como a construção de relacionamentos e comunidades de forma online.

Sobre a temática, é mister destacar que, atualmente, os exemplos mais famosos de redes sociais de sucesso são o Facebook, Instagram, Twitter, LinkedIn e TikTok. Nelas, é possível postar textos, vídeos, imagens e links, além de interagir por meio de curtidas, comentários, compartilhamentos, fazer parte de comunidades, grupos e eventos. Há uma diversidade impressionante de redes sociais disponíveis. Essa realidade tem chegado nas instituições de ensino cada vez mais cedo. Não se pode dissociar o uso destas da realidade da vida dos estudantes, muitos deles fazem uso de plataformas como forma inclusive de comércio, fazendo propaganda de lojas, produtos e afins.

Por esse motivo, o impacto das redes sociais tem aumentado significativamente, seja na forma como as informações são disseminadas, seja na maneira como as pessoas se conectam e colaboram, tanto pessoal

quanto profissionalmente. Conforme Fisher (2023)<sup>5</sup>, elas exercem uma força de atração tão poderosa na nossa psicologia e identidade, e são tão predominantes na nossa vida, que transformam a maneira como pensamos, nos comportamos e nos relacionamos uns com os outros. Ademais, o autor explica ainda que, esse efeito, multiplicado por bilhões de usuários, tem resultado na transformação da própria sociedade.

Nessa perspectiva, as redes sociais são hoje sinônimo de comunicação, tecnologia e informação, evoluindo e se aprimorando continuamente para atender a um número crescente de usuários. De acordo com Oliveira (2014), ao longo do tempo, diversas mudanças ocorreram e novos sistemas foram implementados para melhorar a sociabilidade, trazendo avanços significativos para a sociedade. Essas plataformas facilitam os meios de comunicação e, dessa forma, permite um acesso fácil e rápido à informação, proporcionando a disseminação do conhecimento de maneira mais ágil e eficiente, beneficiando todos os usuários da tecnologia.

A discussão em torno dos impactos da hiperconectividade na infância e adolescência ganhou destaque nos últimos anos, principalmente com a publicação da obra de Jonathan Haidt (2024). O estudioso, ao analisar a forma como a vida digital remodelou a experiência das novas gerações, argumenta que o uso excessivo de telas tem favorecido o aumento de casos de ansiedade, depressão e outros transtornos mentais entre crianças e jovens. Para o pesquisador, a infância tem sido “reconfigurada” por uma cultura digital que estimula a comparação social, reduz a interação presencial e limita experiências fundamentais para o desenvolvimento socioemocional.

De modo geral, é possível dizer que a movimentação em torno da reflexão sobre o uso das novas tecnologias digitais, de acordo com Haidt (2024, p. 24) “[...] não é apenas uma questão de smartphones e redes; tem a ver com uma transformação histórica e sem precedentes da infância humana”. À vista disso, torna-se cabível tratar as redes sociais como uma ferramenta que pode trazer, para além da interação entre os pares, certo perigo na mão das crianças e adolescentes, uma vez que, ainda não pos-

5 Nesta obra o autor aborda os impactos das redes sociais em nossa sociedade.

suem limites e parâmetros, cabendo aos adultos a resolução de conflitos causadas por elas.

Também é responsabilidade os adultos, regular esse uso, de modo que ocorra dentro de limites e conteúdos condizentes com cada faixa etária e com acompanhamento adequado de pais e educadores, que devem orientar e estabelecer limites claros, garantindo que o uso das redes sociais ocorra de forma segura, equilibrada e apropriada a cada faixa etária.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura da obra *A Geração Ansiosa* (Haidt, 2024), associada às contribuições de outros autores, permitiu identificar algumas categorias centrais que podem facilitar a compreensão das repercussões da hiperconectividade na infância e adolescência, dentre as quais, é possível elencar: saúde mental fragilizada, transformação das relações sociais, desafios para a aprendizagem escolar e práticas pedagógicas de mediação.

Na primeira categoria elencada, observa-se o impacto direto do uso excessivo de telas na saúde mental. O pesquisador Haidt (2024), enfatiza na obra estudada que o tempo prolongado diante de smartphones e redes sociais favorece sentimentos de comparação, isolamento e ansiedade, além de prejudicar o sono e a autorregulação emocional. Essa análise converge com relatos ouvidos no dia a dia da sala de aula, onde é possível identificar o crescimento preocupante de quadros de depressão e ansiedade em adolescentes, especialmente entre meninas, e alertam para a necessidade de políticas públicas de apoio psicológico.

Por sua vez, a segunda categoria diz respeito ao modo como as relações sociais tem se transformado. Nesse cenário, o contato presencial entre pares, indispensável para o desenvolvimento emocional, muitas vezes, tem sido substituído por interações digitais mediadas por aplicativos. Sobre isso, Haidt (2024), alerta que essa substituição compromete habilidades como empatia e resolução de conflitos. Tal percepção encontra eco nas reflexões de Kenski (2012), quando este afirma que as tecnologias digitais

tem criado novas formas de socialização, concomitante a isso, também intensificam a lógica da instantaneidade e da superficialidade.

Já na categoria, relacionada à aprendizagem escolar, a terceira, observa-se que a hiperconectividade interfere na atenção e no engajamento dos alunos. Nesse cenário, professores percebem dificuldades crescentes de concentração, além da presença de informações fragmentadas que nem sempre favorecem uma aprendizagem significativa. A esse respeito, Moran (2015), alerta que o problema não está apenas no uso da tecnologia, mas na ausência de intencionalidade pedagógica. Assim, é indispensável dizer que quando as práticas pedagógicas e a tecnologia são integradas de forma planejada, metodologias ativas mediadas por recursos digitais podem ampliar a motivação e a autonomia dos estudantes.

O texto supramencionado, tem intrínseca relação com a quarta categoria, uma vez que essa aponta para práticas pedagógicas de mediação que podem ser adotadas no contexto escolar. Nesse contexto, de acordo com as leituras feitas, é possível trazer aqui algumas possibilidades. A primeira refere-se a uma educação midiática crítica, que permita aos alunos o desenvolvimento da capacidade de analisar e questionar conteúdos digitais. Outra possibilidade, seria a prática de projetos permeados pela interdisciplinaridade, onde as tecnologias sejam utilizadas como veículos de investigação e criação, ultrapassando seu mero consumismo.

Por fim, sendo, talvez, a possibilidade mais importante, encontra-se a parceria necessária entre família e escola, onde os responsáveis sejam levados à reflexão sobre o seu papel na orientação e regulação do uso das redes sociais e dos recursos advindos das tecnologias pelas crianças e adolescentes. Certamente, a efetivação dessas práticas, com respaldo no que expõe os estudos de importantes pesquisadores da área, trarão benefícios para a realidade contemporânea nas salas de aula. O intuito é que as tecnologias disponíveis sejam incorporadas de forma consciente e planejada na rotina escolar. Dessa maneira, é imperioso se dizer que a saída não está na proibição em definitivo do uso desses recursos, ao contrário, está na preparação para seu uso consciente e organizado.

Nesse sentido, a recente a Lei n.º 15.100, de 13 de janeiro de 2025, que regulamenta o uso de dispositivos móveis nas escolas brasileiras, apenas para fins educacionais, pode ser um ponto de partida para a construção de políticas mais amplas de educação digital consciente, que seja capaz de favorecer uma formação crítica e, ao mesmo tempo, mitigar os malefícios que o uso desregulado das redes sociais pode acarretar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as reflexões elencadas, fica evidente que a obra *A geração ansiosa* (Haidt, 2024), dentre outras pesquisas na área, contribui significativamente para a reflexão sobre o cenário digital no qual a sociedade contemporânea está inserida. Nesse contexto, fica evidente, a atenção necessária às crianças e jovens, principalmente por saber que estes se encontram no seu processo de formação pessoal e profissional, onde constroem suas identidades, fazem suas escolhas e constroem a base para sua vida.

Ao refletir sobre essas questões, percebe-se que a educação assume papel central na busca por soluções para enfrentamento de alguns problemas decorrentes do uso excessivo das telas e das redes sociais por crianças e jovens. Nesse ínterim, a obra supramencionada traz uma contribuição relevante, à medida em que permite compreender como esse público está sendo afetado em suas emoções, sentimentos e atitudes por essa nova realidade, permeada pelas redes sociais e seu acesso desmedido.

Portanto, entende-se que é imperioso que, para além de práticas pedagógicas que correspondam aos anseios desse público, os profissionais docentes compreendam a dimensão do novo cenário tecnológico. Partindo desse pressuposto, será possível traçar metodologias que se adequem as exigências dos alunos e correspondam as expectativas dos profissionais da educação. Assim, sugere-se que novas pesquisas sejam

realizadas nesse mesmo sentido, a fim de que se tenha um suporte mais robusto para vencer as dificuldades advindas da realidade apresentada.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025**. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, p. 3, 14 jan. 2025.

CARVALHO, Lia Rezende. PINTO, Patrícia Martins. A associação entre o uso de telas e o desenvolvimento infantil: uma revisão de literatura. **Research, society and development**, 2023.

DÍAZ, Félix. O processo de aprendizagem e seus transtornos. Salvador: **EDUFBA**, 2011. 396 p. il.

FISHER, Max. A Máquina do Caos: Obra definitiva sobre os impactos das redes sociais em nossa sociedade. 1ª ed., **Todavia**, 2023.

HAIDT, Jonathan. **A geração ansiosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

KENSKI, V.M. Educação e tecnologias: Um novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012. p. 15-25.

MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens, v. II, SOUZA, C.A.; MORALES, O.E.T. (orgs.). Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

OLIVEIRA, Núcia Alexandra Silva de. **História e internet: conexões possíveis**. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v.6, n.12, p.23 - 53, mai./ago. 2014.